

## A SEMANA – 195\*

23 de fevereiro de 1896

Posto que eu não visse com estes olhos, dizem os jornais e dizem os meus amigos que nunca houve tanta gente na cidade como esta terça-feira última. Trezentas mil pessoas? Quatrocentas mil? Divergem os cálculos, mas todos estão de acordo que a multidão foi enorme. Os episódios que se contam, os milagres de equilíbrio e de paciência que tiveram de operar os concorrentes dos arrabaldes e dos subúrbios para alcançar e conquistar um lugar nos veículos são realmente dignos de memória. Tudo isso no meio da mais santa paz. Uma polícia bem-feita e a alegria coroando a festa.

Ora, ainda bem, minha boa e leal cidade, é assim que te quero ver, animada, jovial e ordeira, pronta para rir, quando for necessário, e não menos para venerar, quando preciso. Além do mais, deste prova de que não crês em boatos. Podes ouvi-los e passá-los adiante, mas, chegado o momento de crer, não crês. A verdade é que para tudo correr bem, nem sequer choveu um pingão. Podia ter havido algum apertão que esmagasse uma pessoa, ao menos; nada, absolutamente nada. O mais que se deu foi a perda de um menino, por nome Zabulon,<sup>1</sup> que é de crer esteja a esta hora restituído a seus pais, salvo se o pegou alguma dessas mulheres que se ocupam em apanhar crianças. Há pouco sucedeu um de tais raptos, não concluído por ter sido a tempo descoberto.

Não sei para que tais mulheres querem as crianças dos outros. Se são bruxas, não são da família da *Bruxa* do Olavo Bilac e Julião Machado; esta rapta, mas tão somente as nossas melancolias.<sup>2</sup> Quererão vender as crianças, fazê-las freiras e frades, ou o contrário deles? O costume não é novo. Há muitos anos andou aqui em cena um melodrama, a *Roubadora de Crianças*,<sup>3</sup> que eu não vi representar, mas o assunto era

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 54, p. 1, 23 fev. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 113-117). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> A perda do menino foi noticiada na *Gazeta de Notícias* (ano XII, n. 50, p. 2, col. 1, 19 fev. 1896): “Perdeu-se ontem à noite, na rua do Ouvidor, o menor Zabulon, de 7 anos de idade”.

<sup>2</sup> Olavo Bilac (1865-1918) e o ilustrador português Julião Machado (1863-1930) dirigiram a revista *A Bruxa*, que teve sua publicação iniciada em fevereiro de 1896 (e continuou até junho de 1897).

<sup>3</sup> Ver anúncio da peça ao final desta crônica.

como diz o título. Dickens, em<sup>4</sup> *Oliver Twist*,<sup>5</sup> põe uma escola composta de meninos apanhados aqui e ali, para aprender o ofício de gatuno. Os diplomados saem depois do almoço e voltam à tarde, com o produto do ofício. Os novatos ficam aprendendo com o fundador do estabelecimento. Mas haverá aqui necessidade de escola? As vocações não são naturais e vivas e a arte não vem com a prática? Quando não é a vocação que traz a profissão, é o exemplo, a necessidade ou qualquer causa semelhante.

Isto quanto aos gatunos de lençóis e relógios. Pelo que respeita aos salteadores em bando, não basta a vocação: é preciso coragem grande, muita ordem, disciplina e pólvora. Esta semana foi aqui recebida a notícia de ter sido morto o chefe dos clavinoteiros da Bahia.<sup>6</sup> Lá houve prazer e aqui alguma curiosidade; mas, não conhecendo nós a organização daquele famoso bando, não sabemos o modo da substituição do chefe. Será por simples eleição ou aclamação? Neste caso, rei morto, rei posto, e eles possuirão a esta hora um chefe novo. Ao contrário da França quando Luís XVIII lá entrou,<sup>7</sup> nada há mudado na Bahia: há um clavinoteiro menos.

Enquanto esse bando perdia a cabeça, outro bando reduzia a povoação de Cochó a um montão de ruínas.<sup>8</sup> Eu nunca vi Cochó e, – ao invés do poeta, – não tenho pena.<sup>9</sup> Deve ter sido uma calamidade, se é certo o que dizem as notícias; verdade é que estas metem a política no meio, coisa difícil de engolir, salvo se já todos perderam o juízo. Se a política por esses lugares vai ao roubo, ao estupro e ao incêndio, não é política. Bom é

<sup>4</sup> em] um – em GN. Acatamos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>5</sup> *Oliver Twist*, romance de Charles Dickens (1812-1870). Jean-Michel Massa (2008, p. 37) informa: “[...] no começo do ano de 1870, Machado de Assis traduziu uma grande parte do *Oliver Twist*; todavia, seu trabalho foi interrompido após uma divergência com um dos diretores do periódico, o *Jornal da Tarde*, em que o romance de Dickens foi publicado em folhetim. Após a metade do capítulo XXVIII, uma outra pessoa assumirá a tarefa.”

<sup>6</sup> Os clavinoteiros da Bahia já apareceram em crônicas de “A Semana” – crônica 10 (26 jun. 1892), 11 (3 jul. 1892), 112 (22 jul. 1894) e 128 (11 nov. 1894). (Cf. ASSIS, 1996, p. 78-84; ASSIS, 2018, v. 1, n. 2, p. 183-187 e p. 271-275). A *Gazeta de Notícias* (ano XII, n. 51, p. 2, col. 2, 20 fev. 1896) traz uma matéria em que diz: “No cais do Barroso, armazém de Antônio da Silva Matos, no bairro comercial, hoje [19 fev. 1896], às 2 horas, foi assassinado o coronel José Alves Leão, conhecido por Zeca de Belmonte [cidade ao sul da Bahia] [...]. / O assassino Macedônio Silva Cardoso correu a entregar-se à prisão e foi recolhido à estação do Comércio. O assassino declarou que há seis meses sua fazenda no Canal Poaçu, em Canavieiras, foi assaltada e roubada, apenas conseguindo escapar a família ameaçada de morte e que o autor de tudo fora Zeca. Macedônio, negociante, fazendeiro então, ficou reduzido à miséria; está nesta capital há seis meses. [...] / O *Jornal de Notícias* reedita o telegrama publicado na edição de 24 de agosto de 1894, em que Macedônio dizia ter sido na noite de 19 [ago. 1894] atacado em sua casa e roubado por clavinoteiros, tendo podido defender-se com sua família refugiando-se em Canavieiras, de onde telegrafara.”

<sup>7</sup> Luís XVIII (1755-1824) foi rei da França de 1814 a 1824. Antes de ascender ao trono, passou 23 anos no exílio. Esse foi um período conturbado na França: Revolução Francesa, Primeira República Francesa e Primeiro Império Francês. O seu reinado foi uma monarquia constitucional e, diferentemente do antigo regime absolutista, tinha poderes limitados.

<sup>8</sup> O *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 49, p. 2, col. 4, 18 fev. 1896) publicou telegramas dando notícias de “atos criminosos e deveras revoltantes praticados por vários grupos de homens armados, no interior do Estado.” Felisberto Sá, líder de um desses grupos, teria enviado seus homens a Cochó “com a ordem de não deixarem de pé nem um só adobe e que destruíssem completamente tudo.”

<sup>9</sup> O “poeta” a que o cronista se refere deve ser Virgílio, que no canto II da *Eneida* narra a destruição de Troia. (VIRGÍLIO, 2021, p. 132-189)

desconfiar de paixões. Seja o que for, dizem que a povoação de Queimadinhos<sup>10</sup> está ameaçada de igual destino.

Comparemos as nossas festas do princípio da semana, aqui, em S. Paulo e outras cidades, com as destruições do sertão da Bahia, as cenas de Cuba<sup>11</sup> e de outras partes do mundo. Parece que há neste fim de século um concerto universal de atrocidades. Cuba há de verter muito sangue, primeiro que conquiste a independência ou que espere por outra revolução. A ordem de matar agora os revolucionários prisioneiros, ato contínuo, pode ser que não traga a nota da humanidade, mas é precisa para acabar com uma luta que começa a aborrecer, não por falta de graça, mas por muito comprida.

Trata-se não menos que de conservar à Espanha algo do que foi. “A Espanha, senhores, (exclamava<sup>12</sup> Castelar um dia no<sup>13</sup> Congresso) a Espanha atou aos pés o mar como uma esmeralda, e o céu à frente como uma safira!”<sup>14</sup> Trata-se de não perder o melhor da esmeralda, e tem razão a Espanha. Para os cubanos trata-se de ganhar a liberdade, e tem razão Cuba. Para dirimir a questão é que se inventou a pólvora, e, antes dela, o ferro e o aço.

Não é mister dizer o que está fazendo a Coreia. Agora, há pouco, matou tanto e de tal maneira, que foi preciso matá-la também. Uns pensam que foi o amor da liberdade que estripou tanta gente, outros inculcam que foi o amor da Rússia;<sup>15</sup> mas, como o sangue derramado,<sup>16</sup> é todo vermelho, ponhamos que tem cor mas que lhe falta opinião. Já não falo da Abissínia, onde o negus e os seus rases fazem coisas só próprias de gente que da civilização apenas conhece a tática e estratégia.<sup>17</sup> Também lá há sangue,

<sup>10</sup> Outra cidade do interior baiano.

<sup>11</sup> Os jornais cariocas publicavam, frequentemente, telegramas com notícias da insurreição de Cuba contra o domínio espanhol. A insurreição começou em 1895, e culminou com a independência da ilha em 1898. Sobre esse assunto, ver, por exemplo, a *Gazeta de Notícias* (ano XII, n. 19, p. 1, col. 1-2). Machado de Assis já tinha mencionado a questão cubana em “A Semana – 175”, de 6 de outubro de 1895. (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 237-244, 2021)

<sup>12</sup> exclamava] exclamama – em GN. Acatamos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>13</sup> no] ao – SEM1953.

<sup>14</sup> “España tiene una corona demasiado grande para una cabeza tan chica; nosotros somos la nación que engarzó el mar como una esmeralda en sus sandalias y el sol como un diamante en su corona.” (CASTELAR, 1874, p. 89) [Discurso pronunciado no parlamento contra o projeto de Constituição no dia 7 de março de 1869.]

<sup>15</sup> No *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 49, p. 1, col. 8, 18 fev. 1896), lê-se o seguinte telegrama: “Causaram verdadeira emoção em Tóquio e em todo o Japão as notícias do grande movimento popular, na Coreia, em consequência do qual foram assassinados o Presidente do Conselho de Ministros e altos funcionários, não sendo ignoradas a importância e a natureza desses motins, que são abertamente dirigidos contra o Japão. / Nos círculos governamentais receia-se que a Rússia, prevalecendo-se do estado anárquico em que se acha a Coreia depois da guerra sino-japonesa, e pretextando ser necessário restituir a paz ao Extremo Oriente, aproveite o ensejo para estabelecer protetorado sobre aquela península.”

<sup>16</sup> derramado,] derramado – em SEM1953.

<sup>17</sup> Abissínia, atual Etiópia. A “Primeira Guerra Ítalo-Etiópe” (1895-1896) foi vencida pelo país africano. Trata-se de um dos poucos casos de resistência armada ao colonialismo europeu no século XIX. Jornais cariocas publicavam frequentemente telegramas com informações sobre a guerra. Machado de Assis tratou dessa questão em “A Semana – 185”, de 15 de dezembro de 1895, publicada neste número da *Machadiana Eletrônica*. O termo “negus” é um título do soberano da antiga Abissínia; “ras”, por sua vez, designa “chefe político etiópe”. (HOUAISS, A.; VILLAR, M. S., 2001, p. 2006 e p. 2386)

fome e ranger de dentes, mas esperemos que a civilização vença algum dia. Sobre os armênios não há que dizer senão que os turcos os matam e eles aos turcos.<sup>18</sup>

O que importa notar é que todas essas multidões de mortos, – por uma causa justa ou injusta, – são os figurantes anônimos da tragédia universal e humana. As primeiras partes sobrevivem, e dessas celebrou-se justamente ontem a melhor e maior de todas, Washington.<sup>19</sup> Singular raça esta que produziu os dois varões mais incomparáveis da história política e do engenho humano. O segundo não é preciso dizer que é Shakespeare.



### A roubadora de crianças

FONTE: *Gazeta de Notícias* (ano XVI, n. 219, p. 5, 7 ago. 1890).

<sup>18</sup> Telegramas publicados em jornais cariocas traziam notícias de distúrbios na Turquia e na Armênia, e do massacre de populações armênias. As potências europeias pressionavam a Turquia em busca de solução: não só por razões humanitárias, mas também por interesses político-econômicos na região. Machado de Assis já mencionou essa questão em “A Semana – 175 (6 out. 1895) e 182 (2 nov. 1895)”. (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 237-244 e p. 287-292, 2021)

<sup>19</sup> O *Jornal do Commercio* publicou no dia 22 fev. 1896 (ano 75, n. 53, p. 1, col. 3) uma pequena matéria em comemoração ao aniversário de George Washington (22 fev. 1732 – 14 dez. 1799): “WASHINGTON / É uma data gratíssima à América, esta de hoje que recorda o nascimento de Washington, daquele Americano que [...] foi ‘o primeiro na paz, o primeiro na guerra, o primeiro no coração dos seus compatriotas’”.

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana. Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 54, p. 1, 23 fev. 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=13677](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13677)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana. Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana. Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

CASTELAR, Emílio (1832-1899). *Discursos parlamentares*. México: Imprensa de Ignacio Complido, 1874.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

VIRGÍLIO. *Eneida*. 3. ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2021.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.